

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 36

2019

Nº 226

MAIO - JUNHO

Não aderimos ao novo acordo ortográfico

Proriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	Editorial	2
Rua das Pedralvas, nº. 1-A	Recordando Allan Kardec	3
1500-487 Lisboa	A verdadeira paixão do Cristo	5
Telefone : 217 647 441	O pecado e nós	7
	Maria (Poema)	12
*	Não posso mais!	13
Director Responsável :	Conversão de Saulo de Tarso	17
Manuela Vasconcelos	Soneto XIX	21
	10 maneiras de amar a nós...	22
*	Executar bem	23

Distribuição Gratuita

*

*

EDITORIAL

Mês de Maio é o mês das flores... anuncia a primavera... Maria. É o mês de Maria! E lembrar Maria é recordar o convite que o Cristo lhe fez, quando Ela habitava o sistema de Orion, e Ele preparava a Sua vinda à Terra como Jesus... E, depois dela, tornou-se vulgar, banal até, que qualquer criança do sexo feminino, tivesse Maria no seu nome...que foi escolhido, também, para o nome de alguns rapazes, que se chamaram ‘João Maria’, ‘José Maria’,... e ainda hoje, em Éfeso, vinte séculos passados desde o seu desencarne, se mantém, como um monumento, a Casa de Mãe Maria!

E ninguém pergunta a que Mãe pertenceu esta casa?! Mas, em compensação, todos os que podem aventurar-se a fazer uma viagem até ao Oriente, procuram chegar até ali para ficarem com uma ideia, pálida embora, de como viveu, há 2000 anos atrás, Maria – a Mãe de Jesus!

Doadá por Seu filho a toda a Humanidade como Mãe de todos nós, Maria existe – Maria reina no coração de cada um de nós – todos aqueles que a amamos e nela sentimos, também, a NOSSA MÃE!

E o mês de Maio, sendo o mês das flores,. da primavera, é ainda o mês em que se comemora o Dia da Mãe.

Não penso esta comemoração necessária, porque o dia das mães é todos os dias de todos os meses de todos os anos, mas será talvez, especialmente, o dia em que mais próximos nos sentimos

daquela outra Mãe diferente da nossa e diferente de nós mesmos –
mãe também!

Mês de Maio? Mês de Maria, Mãe de Jesus e nossa Mãe
também!

A DIRECÇÃO

*

RECORDANDO ALLAN KARDEC

(Comentários sobre os messias do Espiritismo)

Tendo-nos sido dirigidas várias perguntas a respeito das comunicações sobre os messias, publicadas no último número da Revista (Fevereiro de 1868), julgamos dever completá-las por alguns desenvolvimentos, que farão compreender melhor o seu sentido e o seu alcance.

1º)- Como a primeira dessas comunicações recomendasse guardar segredo até nova ordem, embora a mesma coisa fosse ensinada em diferentes regiões, se não quanto à forma e as circunstâncias de detalhes, ao menos pelo fundo da ideia, perguntaram-nos se os Espíritos, num consentimento geral, tinham reconhecido a urgência desta publicação, o que teria uma significação de certa gravidade.

A opinião da maioria dos Espíritos é um poderoso controle para o valor dos princípios da Doutrina, mas não exclui o do

juízo e da razão, cujo uso sério todos os Espíritos recomendam. Quando o ensino se generaliza espontaneamente sobre uma questão, num determinado sentido, é indício certo de que essa questão chegou ao seu tempo; mas a oportunidade, no caso de que se trata, não é uma questão de princípio e julgamos não dever esperar o conselho da maioria para esta publicação, já que a sua utilidade nos estava demonstrada. Seria puerilidade crer que, fazendo abnegação da nossa iniciativa, não obedecêssemos, como instrumento passivo, senão a um pensamento que se nos impunha.

A ideia da vinda de um ou de vários messias era mais ou menos geral, mas encarada sob pontos de vista mais ou menos erróneos, por força das circunstâncias de detalhes, contidos em certas comunicações, e de uma assimilação *demasiado literal*, por parte de alguns, com as palavras do Evangelho sobre o mesmo assunto. Esses erros podiam ter inconvenientes materiais, cujos sintomas já se faziam sentir; importava, pois, não deixar que se propagassem. Eis porque julgamos útil dar a conhecer o verdadeiro sentido no qual essa previsão era entendida pela maioria dos Espíritos, rectificando assim, pelo ensinamento geral, o que o ensino isolado podia ter de parcialmente defeituoso.

(*Continua*)

(In: Revista Espírita – Março de 1868, 1º capítulo. Ed. FEB/FEP, 2018).

*

A VERDADEIRA PAIXÃO DO CRISTO

**Cristo, o eterno apaixonado pela
humanidade, trabalha e aguarda...**

*Amai-vos uns aos outros como eu vos
amei. – JESUS. (Jo., 15:12).*

Joanna de Ângelis, perfeitamente sintonizada com os conceitos exarados no terceiro livro da Codificação Kardequiana, ‘*O Evangelho Segundo o Espiritismo*’, onde os Espíritos Amigos nos conclamam a suportarmo-nos uns aos outros sob o palio da Caridade moral, afirma: “*A paixão do Cristo por todas as criaturas é um estímulo constante a que se compadeçam os indivíduos uns pelos outros, sustentando-se nas dores e dificuldades, jamais piorando as suas necessidades.*”

A verdadeira Paixão de Jesus é a humanidade. Por ela Ele tem sofrido acerbos dores. Não mede esforços para reerguê-la do paul em que se encontra. Ele sabe e ensina que o Amor é o único modo pelo qual a humanidade se emancipará, alforriando-se...

A dor é a pedagogia utilizada quando o amor se ausenta, assim, é preciso fazer brilhar a luz divina ínsita em cada um de nós.

Jesus afirmou que nenhuma das ovelhas que o Pai Lhe confiou se perderia. Ele quer que estejamos todos onde Ele está.

Cristo, o eterno apaixonado pela humanidade, trabalha e aguarda...

Atentemos para as palavras de ‘*Um Espírito Amigo*’:¹ “Todo aquele que dilui as forças negativas que teimam por obstruir-lhe o avanço, utilizando-se do detergente do amor, evita contaminar-se, e se já está visitado por elas liberta-se, fazendo com isso que cessem as causas e desapareçam os sofrimentos.

“O campo mental indefeso, faculta que as farpas do mal aí proliferem, infestando a área com resíduos pestíferos, responsáveis por males incontáveis. A defesa, em relação aos factores perniciosos, é somente possível quando a irradiação de energias saudáveis vitaliza a organização psíquica, que reflecte as aspirações do Espírito, resguardando-a das agressões externas. Não gerando pensamentos destrutivos nem acumulando vibrações perturbadoras de ódio, medo, ciúme, rancor, mágoa, concupiscência, não se faz de vítima dos conteúdos internos degenerativos. Esse estado interior impulsiona aos actos incomuns superiores, passo próximo da iluminação, e somente iluminando-se o homem supera todas as dores; erradicando-lhes as causas, resguarda-se de agressões destrutivas. A iluminação resulta do esforço da busca íntima do ser profundo, opção de sabedoria que é, em relação ao ego que prevalece no mapeamento das aspirações humanas mais imediatas, portadoras de distúrbios vitais e fragorosas derrotas na luta, que é a breve existência corporal.

“O desenvolvimento da *chama divina* imanente em todos os seres merece todos os sacrifícios e empenhos, a fim de que arda em todo o seu esplendor, vencendo as teimosas sombras, que são a herança demorada das experiências nas faixas do processo inicial da evolução.

“A verdadeira iluminação **promove** o homem que, superando as contingências-limites da estância carnal, anula todas as causas de sofrimentos, fazendo-as cessar. Não mais necessita da

dor para alcançar metas, pois o amor lhe constitui a razão única do existir, em sintonia com o pensamento divino que o atrai cada vez com mais vigor para a meta final.”

1 – FRANCO, Divaldo Pereira. *Plenitude*. Niterói: ARTE E CULTURA, 1991, cap. V, *in fine*.

ROGÉRIO COELHO

(Manhuaçu – M. Gerais – Brasil)

*

O PECADO E NÓS

I

1 - “A lei natural é a lei de Deus. É a única verdadeira para a felicidade do homem. Indica-lhe o que deve fazer ou deixar de fazer.” – Q. 614 de ‘O Livro dos Espíritos’.

2 – A lei de Deus está esita “na consciência”. – Q. 621 do mesmo livro.

3 – “O bem é tudo o que é conforme à Lei de Deus; o mal , tudo que lhe é contrário. Assim, fazer o bem é proceder de acordo com a lei de Deus. Fazer o mal é infringi-la.” – Q. 630 da mesma obra.

4 – Não basta o homem não praticar o mal: “... cumpre-lhe fazer o bem no limite de suas forças, porquanto responderá por todo o mal **que haja resultado de não haver praticado o bem.**” – Q. 642 do livro mencionado (O grifo é do original).

II

1 – O homem **peca** quando transgride ou lesa a lei de Deus, portanto, **quando pratica o mal**, que é tudo quanto seja contrário à mesma.

2 – O mal praticado produz efeitos diversos, desencadeando o mecanismo da justiça divina e levando ao **sofrimento**, que, por sua vez, conduz ao **arrependimento, à expiação e à reparação** pelo autor (pecador). (Ver em ‘O Céu e o Inferno’, Primeira Parte, cap. VII - «Código Penal da Vida Futura»).

III

Nós pecamos, portanto:

1 - quando não **oramos**, elevando o pensamento a Deus, para nos tornarmos mais fortes contra as tentações do **mal**. – ‘O Livro dos Espíritos, Parte Terceira, cap. II – DA LEI DE ADORAÇÃO.

2 – Quando não **trabalhamos**, nos limites de nossas forças, prejudicando o aperfeiçoamento de nossa inteligência, a manutenção de nossos físicos, o bem estar da família (esposa, filhos, pais idosos ou doentes). – ‘O Livro dos Espíritos’, Parte Terceira, cap. III – DA LEI DO TRABALHO.

3 – Quando **não nos reproduzimos**, fugindo à constituição pelo lar do casamento, preferindo o celibato por egoísmo, opondo obstáculos à marcha da natureza, quase sempre para satisfação de nossa sensualidade. – ‘O Livro dos Espíritos’, Parte Terceira, cap. IV – Da lei de Reprodução..

4 – Quando **não procuramos conservar o corpo**, instrumento de nosso progresso e, assim, não concorreremos “para o cumprimento dos desígnios da Providência”, seja abusando dos gozos da matéria, levados ao requinte e que deixam o homem “perto da morte física e moral”, seja privando-nos do necessário à manutenção da vida “com força e saúde” para o trabalho, como nos casos dos jejuns forçados ou greves da fome, etc., - ‘O Livro dos Espíritos’, Parte Terceira, cap. V – Da Lei de Conservação.

5 – Quando nos **destruímos**, sem que o seja por desígnio divino (?Preciso é que tudo se destrua para renascer e regenerar. Porque, o que chamais destruição não passa de uma transformação, que tem por fim a renovação e melhoria dos seres vivos”), ”ela guerra, “... predominância da natureza animal sobre a natureza espiritual...” e que Deus transforma em agentes da ‘liberdade e do progresso’, pelo assassinato (de qualquer tipo), excepto em legítima defesa da vida, pelo suicídio, pela pena de morte, pelo duelo (assassínio e suicídio ao mesmo tempo, fonte do orgulho, da vaidade). – ‘O Livro dos Espíritos’, Parte Terceira, cap. VI – Da lei da Destruição.

6 – Quando **nos isolamos, na ou da sociedade**, sem concorrer para o progresso próprio e de nossos semelhantes, “auxiliando-se mutuamente, vivendo em reclusão, por egoísmo, sem concorrer para o progresso dos laços da família, que se forma pelo casamento, “um progresso na marcha da humanidade” – O Livro dos Espíritos, Parte Terceira, cap. VII - Da Lei de Sociedade.

7 – Quando **embaraçamos a marcha do progresso**, que, entretanto, não podemos impedir, porquanto somos como ‘pequenas pedras que, colocadas debaixo da roda de uma viatura, não a impedem de avançar’, ou opomos grande obstáculo ao progresso moral com nosso orgulho e egoísmo, o que torna mais

demorada a regeneração do Homem e da Sociedade e impede que a civilização efective, ‘imediatamente, todo o bem que poderia produzir’, especialmente se nos destrói o materialismo, “uma das chagas da Sociedade...”. ‘O Livro dos Espíritos, Parte Terceira, cap. VII – Da Lei do Progresso.

8 – Quando **não empregamos** os esforços necessários para combater “a desigualdade das condições sociais, obra do homem e não de Deus”, pois que aqueles que “abusam da superioridade de suas posições sociais para, em proveito próprio, oprimir os fracos”, serão “a seu turno, oprimidos”. – O Livro dos Espíritos, Parte Terceira, cap. IX – Da Lei da Igualdade.

9 – Quando **não respeitamos** os direitos alheios, no gozo abusivo de nossa liberdade, “porque todos precisamos uns dos outros, os pequenos como os grandes”, sendo “contrária à Lei de Deus toda sujeição absoluta de um homem a outro homem” e só “no pensamento goza o homem de ilimitada liberdade, pois que não há como pôr-lhe peia; no exercício de nossa vontade, o livre arbítrio leva-nos a atentar contra a liberdade de pensar e a de consciência, pois nos cumpre respeitar a crença alheia, “quando sincera e conducente à prática do bem”, no uso do livre arbítrio ferimos o mais mínimo direito alheio, pois que, de nossos actos, contrários à lei divina, devemos, mais cedo ou mais tarde, nos arrepender, expiando-os, reparando o mal, que eles tenham ocasionado a terceiros. – O Livro dos Espíritos, Terceira Parte, cap. X – Da Lei da Liberdade.

10 – Quando não praticamos a **justiça**, querendo, para os outros, o que queremos para nós mesmos, respeitando assim “os direitos dos demais”; olvidamos a **caridade**, “benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas”, não atendemos ao “amai-vos uns aos outros como eu vos

amei”, nem ao “amai os vossos inimigos”, do Mestre Jesus – O Livro dos Espíritos, Parte Terceira, cap. XI – da Lei de Justiça, de Amor e Caridade.

Não nos esqueçamos de que o Mal ou pecado, vem da violação da Lei do Amor pelo livre-arbítrio; de que a Lei de Justiça, accionada, repara o Mal e a Lei do Progresso permite a recuperação dos faltosos, tudo de acordo com as LEIS DIVINAS, eternas e imutáveis como o próprio Deus. – Q. 615 de O Livro dos Espíritos.

PEDRO FRANCO BARBOSA

(In: Revista Portuguesa ‘Estudos Psíquicos’, Março/Abril de 1985).

*

MARIA

A paz reinava nos floridos vales,
Mas a dor envolvia a Terra inteira
No sudário sangrento dos seus males.
O homem no mal sonhava as coisas puras,
Quando pousava o olhar na longa esteira
Do passaredo loiro das alturas.
Quando via a campina aberta em flores
E sorrindo de luz as primaveras

Pelas bocas dos lírios sonhadores;
Quando fitava os pássaros rotundos
Na orquestração suprema das esferas
Sob a regência fluídica dos mundos...
 Assim vendo a alma de aflições escrava,
 A carícia do Espaço ele pedia
 A harmonia da selva ambicionava.
E ansiando o puro amor que no Alto havia,
O puro amor baixou e nasceu Maria!
 Nasceu Maria – a branca flor de espuma
 Que há dois mil anos os mortais perfuma.
Desceu dos céus, do sideral oceano
Para desabrochar no pego humano
 Veio dos sóis dos corpos de alabastros
 Cantar na Terra a música dos astros...
E o homem no Mundo viu, risonha e calma,
A verdadeira primavera d'alma.

AMARAL ORNELLAS

(In, Revista Luz e Caridade, do Centro Espírita com o mesmo nome, de Braga, Setembro de 1925).

NÃO POSSO MAIS!

Quantas vezes dizemos – “Não posso mais!” e, ao dizê-lo estamos persuadidos de que estão completamente esgotadas as nossas forças, tanto físicas como intelectuais; e, todavia, nos equivocamos completamente, porque o espírito jamais se rende.

- E os que se suicidam, disse-me um amigo , também se sentem fortes? Também sabem resistir aos embates das ondas, ou seja, às penas e dissabores?

- E que pensas tu? Supões, talvez, que o suicida não sustente uma luta titânica para romper violentamente os laços da vida? Acreditas, por acaso, que é muito fácil decidir-se a desatar o nó da existência, na qual, posto que seja a dor o agente principal, nunca falta uma esperança, um bafejo luminoso, um sorriso da manhã, algo que não tenha nome, mas de que se sente a misteriosa influência, influência que nos alenta, que nos sustém, que nos impede de cair no abismo do desespero? E para dizer adeus a tudo o que amamos, crês que não necessita o espírito de uma força de vontade poderosíssima, ao tomar uma resolução que aniquila de uma vez todos os seus sacrifícios, todos os seus esforços, todas as suas energias, todas as suas actividades? Crês que, para negar a existência de um *amanhã*, por uns adivinhado, por outros pressentido, não tenha de empregar o espírito uma grande força de vontade? O espírito do suicida não se rende, o que faz é deixar o verdadeiro caminho e descer pelo atalho, como fazem muitos caminhantes na Terra, que deixam o carreiro limpo e plano e vão por um atalho pedregoso, no qual se arriscam a cair repetidas vezes, perdendo desgraçadamente o tempo que pensavam ganhar encurtando a distância; isso fazem os suicidas: vão pelo atalho e não conseguem a menor vantagem para a sua tranquilidade nem para o seu progresso; seu espírito luta, seu espírito trabalha, seu espírito emprega forças que, bem aproveitadas, lhe dariam no devido tempo abundantes e sazonados frutos.

- Faze todos os rodeios que quiseres; mas o suicida rende-se ante o infortúnio.

- Não se rende, o que há é que faz mau uso das suas energias, porque, repito, e te repetirei milhões de vezes, ele acreditará e dirá: *Não posso mais!*, e, negando suas forças vitais, fará delas um dispêndio assombroso; assemelhar-se-à a uma fonte aberta, que desperdiça a água pela superfície da terra sem que pela torneira corra uma só gota.

- Não vêes que a alma é imortal? Por isso suas forças têm que ser eternas; por isso a sua resistência no combate da vida é gigantesca, é titânica, é hercúlea. Dizem os crentes de algumas religiões, e dizem muito bem, que Deus não nos manda tudo o que podemos sofrer; e é verdade, porque as forças do espírito não se acabam jamais. Dizia um poeta que há horas em que o sofrimento centuplica a vida e é muito certo; eu creio que cada homem é uma mina de dor, e quanto mais se trabalha em busca dos seus filões, mais produtos dá a mina e com mais facilidade se trabalha nela.

Crês tu que se fosse verdade esse '*não posso mais!*' dos vencidos, estaria habitado este mundo? Há milhões de séculos a Terra estaria deserta; basta ler a sua história para se ficar horrorizado diante das guerras, das matanças, dos crimes dos fortes e das vinganças dos fracos. E não se diga que passaram as épocas de barbárie, porque já se não arriscam os homens a lutar com as feras, nem se celebram autos de fé onde morrem centenas de hereges queimados a fogo lento, não; o martírio continua; não se morrerá tão rapidamente mas morrer-se-à lentamente. Agora temos asilos *beneficentes* onde se recolhem as crianças e os anciãos; aos primeiros, basta olhá-los nos enterros dos ricos, e nas procissões do oitavário do Corpus; aqueles não são crianças, são autómatos que andam quase todos com os olhos enfermos, pálidos e doentios; a alegria da infância fugiu deles em absoluto, pobrezinhos! Muitos dizem sem falar *não posso mais!* Mas resistem... e vivem sem viver; e quanto aos anciãos, dormem debaixo de tecto, é verdade,

desfrutam de limpeza, mas... os seus estômagos também estão limpos, porque os alimentos que lhes oferece a caridade oficial são de má qualidade, deteriorados, e o esfaimado mais esfaimado os repele com asco, com repugnância invencível; e se percorrermos os hospitais, essas ante-salas dos cemitérios, onde os enfermos pedem água e os deixam morrer à sede, onde há pobres aleijados que permanecem estendidos em seu leito anos e anos, ainda que todos esses desventurados digam repetidas vezes *não posso mais!*... resistem valorosamente no campo da batalha da vida e saem vitoriosos na luta.

Parece-nos que *não podemos mais* quando fechamos os olhos do entendimento e não queremos ver a verdade e a luz da vida. *Não posso mais!* – inocente desafogo da ignorância que se empenha em viver na sombra; na realidade, porém, para o espírito não se esgota nunca a provisão das energias, porque sabe que nasceu, mas pressente que não pode morrer; por isso resiste e sai vitorioso em todos os combates que sustenta com esses inimigos formidáveis chamados miséria, abandono, desenganos.

Se, pelo excesso de dor perdêssemos as forças vitais e a esperança não nos emprestasse o seu divino alento – já o dissemos antes – a Terra ficaria despovoada, porque a humanidade que a povoa, tem para cada dia um novo pesar, uma nova angústia, uma nova ansiedade; porque, como disse Zorilla em seu *Álbum de um louco*: - “*Posto que Deus desse ao homem inteligência, pareceu-lhe melhor andar às apalpadelas.*” E assim o demonstrou desde as idades mais remotas, pondo em prática o aforismo de um diplomata, que dizia mui seriamente que “a palavra havia sido concedida ao homem para disfarçar a verdade”; e os homens, não querendo sem dúvida disfarçar seus sentimentos, têm derimido francamente todas as suas repugnantes contendas, o que ocasiona como é natural, profundas desavenças e perturbações, porque os açoites dos fortes

contudem mas não convencem os fracos; as línguas emudecem por temor ao castigo, mas os pensamentos protestam silenciosamente, o mau estar se acentua, e todos vivem mal, os de *cima* e os de *baixo*.

Pobre humanidade terrena!... Como vives mal! Não é de estranhar que em tuas horas de amargura digas com desalento: *não posso mais!* Somente os espíritas vêm um *amanhã* para progredir, e um *presente* para saldar contas, e um *passado* no qual resvalaram pelo declive do vício e chegaram ao crime, sem medir a profundidade do abismo em que caíam.

Não, nós espíritas não podemos dizer “Não posso mais!” Sabemos que resistiremos sempre, que, se numa existência caímos, acabrunhados sob o peso da nossa culpa, amanhã nos levantaremos cheios de novas energias e voltaremos à luta, dispostos a combater e a vencer.

Quão consoladora é a crença espírita e como é racional e lógica ao mesmo tempo!

Cair para não mais levantar-se! Deixar uma história sem a concluir!

Quando Deus nos disse : Vive! E vivendo, ama! E amando, luta!, e lutando, engrandece-te! E engrandecendo-te, procura-me eternamente, percorrendo os mundos; e quando estiveres satisfeito de ti mesmo, quando os sábios te admirarem e os bons te bem disserem, então dize: como Deus é bom!

AMÁLIA DOMINGO SOLLER

(Este artigo, da médium espanhola desencarnada no início do século passado, foi transcrito da Revista “Luz e Caridade”, do Centro

Espírita com o mesmo nome, de Braga, e onde foi publicado em Setembro de 1925).

*

CONVERSÃO DE SAULO DE TARSO EM PAULO

Maneira de sentir e compreender Deus através da doutrina Judaica e Cristã

A conversão de Saulo⁹ de Tarso em Paulo, conforme nos explica a história do Cristianismo, é um facto que quanto mais se estuda e medita, pensa e reflexiona, melhor se sente e compreende que para aceitar uma verdade não é bastante ter cultura, somente.

Se faz necessário ainda ter uma sensibilidade; uma maturidade moral que nos permita sentir a verdade do facto, à luz da consciência e da razão, capaz de nos sacudir de alto a baixo e tirar todas as dúvidas que até então tenham sido objecto de nossa negação e respeito. A conversão de Saulo em Paulo é uma mudança tão completa, tão radical e sensata que, a um só tempo, ela conseguiu duas mudanças importantes: transportou-se da esquerda para a direita e situou-se no centro da consciência, à luz do bom senso, sem se perder na passagem das discussões, absorvendo no seu coração, à luz do seu bom senso, que é muito difícil, toda a reacção negativa motivada pela sua antiga maneira de ser e compreender, como homem, como cidadão e judeu que se prezava, naturalmente.

Para se conseguir esta mudança, assim, se faz necessário um poder espiritual fora do comum. E um domínio sobre si mesmo, muito maior do que se faz necessário para vencer a outros.

Este poder não é humano; é Divino e se contém na criatura humana quando ela pode senti-lo à base de sua consciência, de seu bom senso, num dado momento de sua vida em que, forças superiores às nossas, nos invadem o nosso mundo moral e chocam o material de modo a alterar nossa vida, nossa caminhada na Terra.

Saulo de Tarso ao receber este choque não se pode manter de pé. Caiu do cavalo, perdeu o seu equilíbrio normal e parou no seu caminho.

Indagando o facto por si mesmo, verificou uma luz e uma imagem estranha. Em tal circunstância, perguntou, mentalmente: o que seria? E ouviu uma voz: Porque me persegues? E Saulo imediatamente perguntou: quem sois? E a voz respondeu: Eu sou Jesus, a quem persegues. Saulo, de imediato, sentiu e compreendeu a sua situação e perguntou: E agora, Senhor, o que queres que eu faça? Entra na cidade. Vai a Ananias e ele te instruirá. Tudo isto, como poderão compreender, muito simples e lógico. Sem discussão, sem imposições. Tudo sentido, compreendido e aceite. Porque a verdade não se discute, nem se impõe. Se podemos senti-la, como ela é, temos também condições para entendê-la e aceitá-la. De contrário, nada feito e cada qual segue o seu caminho, e suas consequências.

Saulo de Tarso, quando caiu do cavalo, na sua viagem para Damasco, caiu também com ele o homem velho, sem forças para enfrentar a vida do homem novo, que é Paulo de Tarso, o converso,

depois de batizado em espírito e verdade pelo nosso Divino Mestre Jesus, o Cristo revelado por sua vida e obra no Calvário.

Naquela queda do cavalo desapareceu o homem velho de Saulo de Tarso e nasceu, revelou-se o homem novo de Paulo de Tarso, com toda a sua fé, com todo o seu ideal de compreensão em Deus sábio e justo e misericordioso, nosso Celeste Pai, que, por meio de Jesus, o Cristo, filho de Deus, veio ensinar-nos o caminho da nossa libertação e da nossa felicidade, sem brigas, com bom entendimento e paz. No primeiro tempo impunha-se o entendimento. No segundo, expõe-se o entendimento e aceita-o quem pode senti-lo e compreende-lo. Jesus já deixou isto esclarecido, quando instruiu os seus discípulos: se eles não nos entendem, entendamo-los nós. Se eles não podem ou não querem seguir-me, segui-me vós.

Enquanto o homem não sentir a verdade no seu coração, como Paulo de Tarso sa sentiu, ele não a pode compreender e menos ainda, praticar. Porque exige muita renúncia e controle sobre si mesmo.

Por este motivo não é aconselhável alguém insistir, forçar a crença de quem quer que seja.

Devemos ter paciência e respeitar a crença, o livre arbítrio de quem quer que seja.

Devemos aprender a colaborar com o nosso Pai, sobre a direção de nosso Divino Mestre, nosso irmão maior, a expor, sem paixão, nossas ideias e propósitos, sem imposições. Precisamos aprender a dialogar fraternalmente, sem pretensões de mestre, respeitando-nos mutuamente.

Precisamos ainda considerar o ensinamento de Jesus, o Cristo, quando nos aconselhou que nos amassemos uns aos outros, para que outros possam ver e compreender no nosso gesto que somos ou procuramos ser discípulos de nosso Divino Mestre Jesus. Porque é pelos frutos que se conhece a árvore, disse o nosso Divino Mestre. Precisamos, por este motivo, antes de pregar, nos esclarecer, educar e disciplinar, para podermos ter condições de cumprir nossa missão de pregar pela palavra ou pela escrita, a doutrina de Jesus, e auxiliar nosso próximo.

JOSÉ SIMÕES DE MATTOS

(In: Revista portuguesa ‘Estudos Psíquicos’, de Novembro de 1973).

*

SONETO XIX

Ó tristes! Vinde ver a noite sem luar
Como vem a fugir, sozinha, alucinada...
A fugir do poente, para se matar
Nas sete lanças d’oiro desta madrugada!

Ó noite! Ó suicida! Ó Virgem d'Amargura,
Vestidinha de dó e cheia d'afflicção!
A tua alma triste, a tua alma escura,
Há-de viver no sol, pela transmigração!

Foi assim como tu a minha vida toda:
Mas, desposando a morte, eu vejo-a amanhecida
Na aurora singular da minha casta boda...

A vida além da morte a alma me namora;
Não pode ser a morte o poente da vida;
A vida está na noite: a morte está na aurora...

ANTÓNIO CORREIA DE OLIVEIRA

(Do livro de poemas EIRADAS, 2ª edição, editado pelas Livrarias Aillaud e Bertrand, respectivamente em Paris e Lisboa, e Livraria Francisco Alves, no Rio de Janeiro, em 1917).

DEZ MANEIRAS DE AMAR A NÓS MESMOS

- 1 – Disciplinar os próprios impulsos.
- 2 – Trabalhar, cada dia, produzindo o melhor que pudermos.
- 3 – Atender aos bons conselhos que traçamos para os outros.
- 4 – Aceitar sem revolta a crítica e a reprovação.
- 5 – Esquecer as faltas alheias sem desculpar as nossas.
- 6 – Evitar as conversações inúteis.
- 7 – Receber no sofrimento o processo de nossa educação.
- 8 – Calar diante da ofensa, retribuindo o mal com o bem.
- 9 – Ajudar a todos, sem exigir qualquer pagamento de gratidão.
- 10 – Repetir as lições edificantes, tantas vezes quantas se fizerem necessárias, perseverando no aperfeiçoamento de nós mesmos sem desanimar e colocando-nos a serviço do Divino Mestre, hoje e sempre.

ANDRÉ LUIS

(In: ‘Meditações Diárias’, psicografia de Francisco C. Xavier, ed. IDE, pgs. 68/70.

*

EXECUTAR BEM

E ele lhes disse: - Não peçais mais do que o que vos está ordenado. – JOÃO BATISTA - Lucas, 3:13

A advertência de João Batista à massa inquieta é dos avisos mais preciosos do Evangelho.

A ansiedade é inimiga do trabalho frutuoso. A precipitação determina desordens e recapitulações consequentes. Toda actividade edificante reclama entendimento.

A palavra do Precursor não visa anular a iniciativa ou diminuir a responsabilidade, mas recomenda espírito de precisão e execução nos compromissos assumidos.

As realizações prematuras ocasionam grandes desperdícios de energia e atritos inúteis.

Nos círculos evangélicos da actualidade, o conselho de João Batista deve ser especialmente lembrado. Quantos pedem novas mensagens espirituais, sem haver atendido a sagradas recomendações das mensagens velhas? Quantos aprendizes aflitos por transmitir a verdade ao povo, sem haver cumprido ainda a menor parcela de responsabilidade para com o lar que formaram no mundo? Exigem revelações, emoções e novidades, esquecidos de que também existem deveres inalienáveis desafiando o espírito eterno.

O programa individual de trabalho da alma, no aprimoramento de si mesma, na condição de encarnada ou desencarnada, é lei soberana.

Inútil enganar o homem a si mesmo com belas palavras, sem lhes aderir intimamente, ou recolher-se à protecção de terceiros, na esfera da carne ou nos círculos espirituais que lhe são próximos. De qualquer modo, haverá na experiência de cada um de nós a ordenação do Criador e o serviço da criatura.

Não basta multiplicar as promessas ou pedir variadas tarefas ao mesmo tempo. Antes de tudo, é indispensável receber a ordenação do Senhor, cada dia, e executá-la do melhor modo.

EMMANUEL

(In: VINHA DE LUZ, ed. FEB, psicografia de Francisco C. Xavier, cap. 19).